

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	A psicologia em suas diversas áreas de atuação [recurso eletrônico] / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-736-9 DOI 10.22533/at.ed.369192310 1. Psicologia. 2. Psicólogos – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. CDD 150
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

(Barros, 2010, p. 319-20)¹.

Escolhi Manoel de Barros para iniciar a apresentação deste ebook. Tal escolha se dá, pelo convite de Manoel a que conheçamos os desvios, o gosto por nada e o prazer pela doença das frases/palavras. Ele nos incita a encontrar os ariticuns maduros, a escrever, pensar, e gostar da agramática. Esta é a psicologia que acredito, aquela que se produz nas rupturas, nas frestas, nas discontinuidades, nas transgressões, mas, sempre nos encontramos. Não uma psicologia enclausurada em regras ou em protocolos, mas uma psicologia que se faz ciência no contato com os sujeitos. Que constrói desvios para encontrar a beleza e a potência de vida nos sujeitos e em seus momentos difíceis.

Este ebook é resultado de uma série de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo e/ou quantitativo, pesquisas empíricas e relatos de experiência. Nele os autores descobrem e contam sobre seus caminhos, sobre sofrimento, dor, angústia, mas também sobre possibilidades, desvios e ariticuns maduros.

O livro está organizado em duas partes. A primeira parte intitulada “Reflexões

1. Barros, M. (2010). Poesia Completa. São Paulo: Leya. (6ª reimpressão).

em psicologia” consta trinta e um capítulos que apresentam diferentes temáticas, como: a prática grupal como estratégia de cuidado a jovens analisadas em duas perspectivas diferentes – abordagem centrada na pessoa e psicologia histórico-cultural; a gestação e o desenvolvimento humano ou os cuidados paliativos de neonatos e sofrimento da perda; a pessoa idosa no dia a dia e a prestação de serviço oferecida aos cuidadores; promoção de saúde e intervenções psicossociais; proteção a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar; dependência química e relações familiares; doença crônica; suicídio; constituição da subjetividade; desinteresse escolar e arte no contraturno; motivação, satisfação e produtividade no ambiente de trabalho; inclusão de pessoas com deficiência na escola e no trabalho.

A segunda parte intitulada “Resumos expandidos” é composta de sete capítulos. Nesta parte, os autores apresentam em textos curtos, mas muito interessantes, diferentes temas, como: suicídio, qualidade de vida no trabalho, mediação extrajudicial, sexualidade infantil, psicologia educacional, e manifestações comportamentais.

Desejamos boa leitura a todos e que os conhecimentos aqui apresentados possam provocar um interesse pela agramática, como nos diz Manoel.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

REFLEXÕES EM PSICOLOGIA

CAPÍTULO 1 1

CONSTITUIR-SE SUJEITO: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS JOVENS A PARTIR DE UMA PRÁTICA GRUPAL

Larissa Franco Severino

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923101

CAPÍTULO 2 15

GRUPOS DE ENCONTRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Leonardo Farias de Arruda

Emily Souza Gaião e Albuquerque

Brenda Lauana Pereira de Souza

Danielly Scalone Maciel

Débora Simone Araújo Wanderley

Gabriel Tognin de Souza

Maria Aparecida da Silva Januário

Maria Luisa Barros Santos Lucena

Mateus Rafael Uchôa Dantas

Stéphanie Lima Fehine de Alencar

DOI 10.22533/at.ed.3691923102

CAPÍTULO 3 26

PERDAS GESTACIONAIS E NEONATAIS: QUANDO AS MÃES CONTAM

Ana Maria Saldanha Pereira

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923103

CAPÍTULO 4 45

DA GESTAÇÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA: OS FATORES DE INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Bruna Médis Baruci

Cássia Regina de O. Dela Rovere

Eliandra Dias de Souza

Fabiana Toppan Rocha

Radila Fabricia Salles

DOI 10.22533/at.ed.3691923104

CAPÍTULO 5 75

CUIDADOS PALIATIVOS COM A FAMÍLIA DE PACIENTES NEONATOS: UM ESTADO DA ARTE

Letícia Candido da Cunha

Francini Pullig Fabre

Mariana de Abreu Arioli

Lurdes Victoria Acuña do Amaral

Cloves Antonio de Amissis Amorim

DOI 10.22533/at.ed.3691923105

CAPÍTULO 6	86
INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E PROMOÇÃO DA SAÚDE: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
Ana Karine Nóbrega de Araújo Fábia Moraes Barreto Isabella Juciene Aguiar João Bosco Filho Sebastiana Gomes Bezerra Ana Izabel Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.3691923106	
CAPÍTULO 7	99
SERVIÇOS DE PROTEÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO INTEGRATIVA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Kedma Augusto Martiniano Santos Mirella Cordeiro Moreira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3691923107	
CAPÍTULO 8	114
PERTURBAÇÕES DE PERSONALIDADE E QUALIDADE DE VIDA NUMA AMOSTRA CLÍNICA DE UTENTES PORTUGUESES DOS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS	
Bruno José Oliveira Carraça Daniel Maria Bugalho Rijo Cátia Clara Ávila Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.3691923108	
CAPÍTULO 9	127
PERCEÇÃO DE PSICÓLOGAS SOBRE SERVIÇOS PSICOLÓGICOS PARA CUIDADORES DE IDOSOS NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE	
Rui Maia Diamantino Felipe Santos de Almeida Arly Patrícia Reis Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3691923109	
CAPÍTULO 10	143
A PSICOLOGIA POSITIVA NO DIA A DIA DA PESSOA IDOSA	
Eliane de Holanda Silva	
DOI 10.22533/at.ed.36919231010	
CAPÍTULO 11	152
O ESTRESSE COMO FATOR DE RISCO PARA O USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS	
Luiz Roberto Marquezi Ferro Aislan José de Oliveira Ana Paula Jesus da Silva Flávia Fernanda Ferreira de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231011	
CAPÍTULO 12	165
RELAÇÕES FAMILIARES E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
Gabrielly Aparecida Borges dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231012	

CAPÍTULO 13	176
REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS DO ADOECIMENTO CRÔNICO EM HOMENS: IMPLICAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE	
Anderson Reis de Sousa	
Álvaro Pereira	
Evanilda Souza de Carvalho	
Ailton Santos	
Selton Diniz dos Santos	
Mateus Vieira Soares	
Isabella Félix Meira	
Wellington Caribé Santana	
DOI 10.22533/at.ed.36919231013	
CAPÍTULO 14	196
SOFRIMENTO PSÍQUICO E MAL-ESTAR SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO	
Iane Pinto de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231014	
CAPÍTULO 15	207
SUICÍDIO E OUTRAS MORTES AUTOINDUZIDAS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	
Evandro Yan Duarte	
Guilherme Monteiro da Silva	
Maria Paula Alves Corrêa	
Paulo Henrique Marques dos Santos	
Talis Shindy Masuda	
Victor Antonio Kuiava	
DOI 10.22533/at.ed.36919231015	
CAPÍTULO 16	215
ALGUMAS LEITURAS INTRODUTÓRIAS SOBRE SUICÍDIO, MORTE, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE	
Ariço Chaves Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231016	
CAPÍTULO 17	229
A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO CEGO À LUZ DA PSICANÁLISE	
Talita Franciele de Oliveira Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.36919231017	
CAPÍTULO 18	242
MITO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: A SAGA DO HERÓI NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	
Kadidja Luciana Tavares Augusto	
Bryan Silva Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231018	
CAPÍTULO 19	260
ARTE E CONTRATURNO ESCOLAR: (IM) POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIA ESTÉTICA	
Tatyanne Couto Flor	
Eliane Regina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231019	

CAPÍTULO 20	273
DESINTERESSE ESCOLAR: CAUSAS E EFEITOS DENTRO DA VERSÃO PSICANALÍTICA	
Veruska Soares de Andrade	
Alvaro Luis Pessoa de Farias	
Divanalmi Ferreira Maia	
Marcos Antonio Torquato de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231020	
CAPÍTULO 21	285
PSICOLOGIA E APRENDIZAGEM: ASPECTOS NEUROCIENTÍFICOS E COGNITIVOS	
Eduardo Luiz Muniz Medeiros	
João Marcos Ferreira Gonçalves	
Jônatas Waschington Pereira Araújo	
Vinícius Flávio Medeiros Gomes	
João Paulo de Paiva Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231021	
CAPÍTULO 22	299
AS NUANCES DO FENÔMENO BULLYING NO ENSINO PÚBLICO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS: ANÁLISE DE UM PROJETO PARA A APRENDIZAGEM SEM MEDO	
Ítalo Fábio Viana da Silva	
Jéssica Pinheiro Nunes	
Sílvia Regina Moreira Vale	
Clemilda Meireles Gomes	
Josué Nascimento Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.36919231022	
CAPÍTULO 23	308
AUXILIARES DE APOIO À INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL	
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.36919231023	
CAPÍTULO 24	316
A INCLUSÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NO MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO	
Talita Martins Golf Ueno	
Tatiane Carvalho Castro Marin	
DOI 10.22533/at.ed.36919231024	
CAPÍTULO 25	328
A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO ATRAVÉS DE UMA METODOLOGIA INOVADORA DENOMINADA EMPREGO APOIADO	
Ligia Regina Pauli	
Regina Maria Joppert Lopes	
Yvy Karla Bustamante Abbade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231025	
CAPÍTULO 26	339
A IMPORTÂNCIA DOS SENTIDOS DO TRABALHO NA MOTIVAÇÃO, SATISFAÇÃO E PRODUTIVIDADE	
Sarah Caroline Albuquerque Ferraz Santos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231026	

CAPÍTULO 27 348

BURNOUT E ATIVIDADE FÍSICA COMO *COPING* PARA MÉDICOS PLANTONISTAS: UM ESTADO DA ARTE

Gracielen Bordignon
Thais Weiss Brandão

DOI 10.22533/at.ed.36919231027

CAPÍTULO 28 358

PSICOLOGIA JURÍDICA: ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.36919231028

CAPÍTULO 29 371

PASTORAL DA JUVENTUDE NO REGIONAL NORTE 2 DA CNBB: UMA ANÁLISE SWOT A PARTIR DA CATEGORIA DOS *STAKEHOLDERS*

Denny Junior Cabral Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.36919231029

CAPÍTULO 30 382

O PSICÓLOGO POR SI SÓ É COACH? UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rosimeri Vieira da Cruz de Souza
Rafael Zaneripe de Souza Nunes
Caroline Zaneripe de Souza
Karin Martins Gomes
Amanda Castro
Ana Marlise Scheffer de Souza

DOI 10.22533/at.ed.36919231030

RESUMO EXPANDIDO

CAPÍTULO 31 404

A GESTÃO DE PESSOAS DENTRO DAS CARACTERÍSTICAS DOS CONFLITOS PESSOAIS, COM ENFOQUE NA PSICANÁLISE E INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

Osnei Francisco Alves
Eliete Cristina Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.36919231031

CAPÍTULO 32 416

IDEAÇÃO SUICIDA: UMA TRISTE REALIDADE ENTRE OS MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA

Thalia Roberta Correia Campagnollo
Maiara Carvalho Panizza
Mariana Ribeiro da Silva
Winy Vitória de Lima
Rafael Bottaro Gelaleti
Érica Alves Serrano Freitas

DOI 10.22533/at.ed.36919231032

CAPÍTULO 33	423
CONCEITO E IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (QVT): UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Marta Gislayne Gomes Leite	
Fernanda Tamyris de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231033	
CAPÍTULO 34	427
A PSICOLOGIA NO DIREITO SUCESSÓRIO: MEDIAÇÃO EXTRAJUDICIAL INTERDISCIPLINAR	
Camila Deprá	
Cristian Garcia Scolari	
DOI 10.22533/at.ed.36919231034	
CAPÍTULO 35	432
SEXUALIDADE INFANTIL: EVENTO PRECOCE OU CONSTITUTIVO?	
Mirella Hipólito Moreira de Anchieta	
Rafael Ayres de Queiroz	
Bárbara Castelo Branco Monte	
Mara Aguiar Ferreira	
Selênia Maria Feitosa e Paiva	
Daniel Mattos de Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.36919231035	
CAPÍTULO 36	439
MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DO TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM VITIMAS DE ABUSO SEXUAL	
Patricia Laysa Silva Soares Campelo de Carvalho	
Nelson Jorge Carvalho Batista	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 37	445
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA PRIVADA EM TERESINA-PI	
Juniane Oliveira Dantas Macedo	
Liliana Louísa de Carvalho Soares	
Patrícia Melo do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 38	452
OS POVOS KARAJÁ XAMBIOÁ E OS REFLEXOS DA CULTURA NO COMPORTAMENTO SUBJETIVO: A TRANSDISCIPLINARIDADE PRESENTE	
Helena Mendes da Silva Lima	
Maycon Douglas Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231038	
SOBRE A ORGANIZADORA	464
ÍNDICE REMISSIVO	465

CAPÍTULO 1

CONSTITUIR-SE SUJEITO: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS JOVENS A PARTIR DE UMA PRÁTICA GRUPAL

Larissa Franco Severino
Eliane Regina Pereira

renovar o homem
usando borboletas.

Retrato do artista quando coisa -
Manoel de Barros

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso

CONSTITUIR-SE SUJEITO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Sábio Manoel de Barros, poeta cuiabano, quando nos diz “Perdoai. Mas eu preciso ser Outros”. É isso! Ser outros é se aventurar no desconhecido, é abrir-se ao imprevisível, buscar por possibilidades outras de existência, é experienciar o campo do vivido, é se reinventar. Em se lançando na vida, precisamos do encontro com um outro (humano ou não) e com o próprio corpo para nos constituirmos, encontro este produtor de afecções, afetações, possibilitador de marcas, cicatrizes, problematizações e existências outras.

Este capítulo é referente aos resultados de uma pesquisa de mestrado¹ realizada na clínica psicológica de uma universidade pública no interior de Minas Gerais que buscou investigar os sentidos atribuídos por jovens, através de uma prática grupal, acerca de suas

1. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa 5152 da Universidade Federal de Uberlândia através do CAAE 91345218.8.0000.5152 e todas/os as/os participantes, bem como seus responsáveis assinaram, respectivamente, o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

juventudes.

A prática grupal aconteceu com sete jovens (Ju, Ludy, Madu, Duda, Carol, Lu e João²), a coordenadora/psicóloga/pesquisadora e uma assistente de pesquisa, no segundo semestre de 2018. Os encontros grupais aconteceram semanalmente, nas sextas-feiras à tarde, totalizando dez encontros e todos eles foram gravados e posteriormente transcritos. As/os jovens participantes da pesquisa estavam inscritos na lista de espera para atendimento psicológico na clínica-escola, o primeiro contato com elas/es se deu via ligação telefônica e a participação dos membros nos encontros se deu de maneira voluntária.

Uma vez que este capítulo parte dos pressupostos da psicologia histórico-cultural e tem como objetivo analisar os sentidos atribuídos pelas/pelos jovens sobre si e sobre os outros, é necessário definirmos como compreendemos o sujeito. Pensar sujeito dentro dessa perspectiva é pensar processo, é pensar sua permanente fluidez, porém, pensá-lo enquanto processo só é possível visto a inexorável relação com um outro. Para Zanella (2006) quando falamos em sujeito, não existe essência, não há *a priori*, e nem uma condição imutável, uma vez que “toda pessoa é objetivação de um complexo processo de criação histórica, cultural, contextual, ao mesmo tempo coletiva e singular” (p.34), ou seja, nos constituímos nas/pelas relações com o mundo em um determinado momento e em um dado contexto.

Neste sentido, um conceito que nos ajuda a compreender sobre a constituição do sujeito é a alteridade. Conforme discorre Zanella (2005), Vigotski fez pouco uso do conceito em suas obras, entretanto, a dimensão do outro é uma constante em seus estudos. Sua principal contribuição está em relação à condição da mediação dos signos, na tentativa de compreender como o sujeito, dialeticamente, apropria de sua cultura e transforma o contexto social em que vive. Vigotski entende os signos como principal ferramenta mediadora para que esse processo ocorra. Por sua vez, os signos são produzidos socialmente e podem ser palavras, objetos, gestos, símbolos, desenhos, entre outros, e, desde que mediados, oportunizam encontro com um outro: alteridade.

O encontro com um outro, mediado semioticamente, situado historicamente e localizado em um dado contexto, é aspecto fundamental para o processo de apropriação da cultura pelo sujeito. Logo, na medida em que o sujeito se apropria dos significados dos signos que estão postos socialmente de um determinado modo e determinada perspectiva, estes são singularizados e, portanto, objetivados em fala, pensamentos, emoções e são constantemente transformados. Nesse processo, o sujeito desempenha papel interativo, uma vez que sentidos outros são produzidos por ele, portanto, constituem-se reciprocamente, dialeticamente (Pino, 1995, 2005; Góes, 1995; Zanella, 2004, 2005; Sawaia, 1999; Smolka, 2004).

Assim, na medida em que o sujeito se apropria da realidade em que vive e

2. Os nomes utilizados neste texto são como as/os jovens gostariam de ser chamados, conforme decisão em um dos encontros grupais.

produz realidades, por meio de sua atividade criadora, ele transforma a realidade, bem como se transforma. Nesse movimento, qualquer mudança que ocorre no plano do social implica, dialeticamente, em transformação de subjetividade. Sendo assim, como aponta Sawaia e Silva (2019), “a subjetividade deve ser estudada como uma categoria que retém em forma pequena a propriedade do todo” (p.27).

Nesse processo de apropriação e internalização da realidade, faz-se necessário ressaltar outro aspecto que marca o processo de constituição do sujeito como ser criador: a influência das emoções sobre as experiências. Inspirado nas ideias de Espinosa, segundo Vigotski (2009),

[...] qualquer sentimento, qualquer emoção tende a se encarnar em imagens conhecidas correspondentes a esse sentimento. Assim, a emoção parece possuir a capacidade de selecionar ideias e imagens consoantes com o ânimo que nos domina num determinado instante. Qualquer um sabe que vemos as coisas com olhares diferentes conforme estejamos na desgraça ou na alegria (p.25-26).

Assim, entendemos que as emoções constituem nossos pensamentos, ações, vontades e memórias. Nesse sentido, uma vez que para Espinosa nós afetamos e somos afetados de diversas maneiras por outros corpos, a depender de como somos afetados, nosso *conatus* (esforço para perseverar na existência) sofre variação de intensidade, segundo Chauí (1995):

A variação da intensidade da potência para existir depende da qualidade de nossos apetites e desejos e, portanto, da maneira como nos relacionamos com as forças externas, sempre muito mais numerosas e mais poderosas do que a nossa. A força do desejo aumenta ou diminui conforme a natureza do desejado, e a intensidade do desejo aumenta ou diminui conforme ele seja ou não conseguido, havendo ou não satisfação. O desejo realizado aumenta nossa força para existir e pensar. Chama-se alegria, definida por Espinosa como o sentimento que temos de que nossa capacidade de existir aumenta, chamando-se amor quando atribuímos esse aumento a uma causa externa (o objeto do desejo). O desejo frustrado diminui nossa força para existir e pensar. Chama-se tristeza, definida por Espinosa como o sentimento que temos de que a nossa capacidade para existir diminui, chamando-se ódio, se considerarmos essa diminuição existencial um efeito proveniente de uma causa externa (o objeto de desejo) (p.64-65)

É através das emoções que a qualidade das afetações produzidas dialeticamente é indicada, ou seja, as emoções se configuraram como um chamamento. Logo, entendemos que somos sujeitos de afetos, com isso, ao apropriarmos da realidade e internalizá-la, constantemente, produzimos sentidos (pensamento, volição e afeto) sobre ela (singularidade), e a depender de que modo ela foi significada, ela pode aumentar ou diminuir nossa potência de existir. Este processo nos faz compreender a inexorável relação das emoções ao campo do vivido e a emergência de considerá-la enquanto constituinte da subjetividade (Sawaia e Silva, 2019).

Em consonância, enquanto sujeitos de afeto e criadores, na medida em que nos apropriamos de nossa realidade e produzimos sentidos sobre ela, colocamos em movimento nosso processo de imaginação, que tem como base nossas experiências anteriores, nossa realidade, bem como nossas necessidades e motivações. Como

aponta Vigotski (2009),

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para imaginação dela (p.22).

Portanto, quanto mais rica nossas experiências, mais possibilidades para re(criação) e maior nosso repertório para poder agir e intervir frente as nossas escolhas e ao campo do vivido.

Nesse sentido, constituir-se enquanto sujeito é um processo complexo, historicamente localizado e marcado por experiências que são possíveis, processo este que carrega as marcas de um passado vivido dentro de um presente, projetando-se para um futuro: somos memória, experiência e criação. Nesse sentido, cada um e todos nós somos atravessados por diferentes expectativas, lugares sociais, desejos e tensões, o que nos remete a desafios e constantes aprendizados. Como discorre Zanella (2005), compreender esse processo é aparentemente simples e ao mesmo tempo complexo:

[...] pois remete a um todo, a um agregado anônimo que está visceralmente interligado – as relações sociais – e que ao mesmo tempo se dissipa em composições múltiplas, em infinitas possibilidades de vir a ser que se objetivam em cada pessoa, que encarnam e marcam a carne que se faz gente, que se faz um(uma), que é indivisível (p.103).

Assim, podemos compreender que os contextos sociais em que os sujeitos estão imersos são constituintes de seu processo subjetivação, fazendo com que determinados modos de ser, pensar, agir e lugares sociais se desenvolvam. Condição esta que, a depender da qualidade de nossas afetações, podem aumentar ou diminuir nossa potência de existir. Dessa maneira, neste capítulo, vamos analisar como os sujeitos participantes da prática grupal se viam, no que eles pensavam, acreditavam, sentiam e desejavam.

DA ALTERIDADE AO PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO: “COMO EU ME VEJO”

Na tentativa de investigar sobre o processo de subjetivação das/os jovens que compuseram a prática grupal, apresentamos recortes e cenas de discursos de diversos encontros que foram produzidos ao longo da prática grupal. Tendo em vista o foco no sujeito, seus cenários sociais, bem como as intervenções produzidas no contexto da prática grupal, partimos das produções de sentido das/os jovens sobre si e sobre os outros, uma vez que compreendemos o sentido como “acontecimento semântico particular, constituído através de relações sociais, onde uma gama de signos é posta em jogo, o que permite a emergência de processos de singularização em uma trama interacional histórica e culturalmente situada” (Barros, Paula, Pascual, Colaço & Ximenes, 2009, p.179).

Nesse contexto, os encontros da prática grupal foram pensados como espaço

de (re)criação de si, em que pudemos conversar e problematizar sobre de que modo os contextos sociais constituíam as/os jovens e quais as possibilidades de ação frente aos lugares sociais ocupados. Como aponta Vigotski (2009), uma vez que a criação é condição necessária de nossa existência, a capacidade de construção de novos elementos só é possível devido nossa capacidade de combinar o velho de novas maneiras. Diante disso, dentro do que nos foi possível e levando em consideração as intervenções por mim produzidas ao longo da prática grupal, pensamos a construção de um espaço em que respondesse às aspirações e necessidades das/os jovens, possibilitando a ampliação das experiências desses sujeitos.

Assim, cabe-me aqui a árdua tarefa de traduzir em palavras o que nos provocou e nos afetou, ou seja, as tensões e as potências, que emergiram ao longo dos encontros. Nesse sentido, busco através das vozes das/os jovens mergulharmos sobre de que modo elas/eles se viam. Ao me responder sobre o que motivou Madu a procurar pelo atendimento na clínica psicológica, a jovem traz em sua fala alguns elementos para pensarmos sobre esta questão:

Madu: Tentar me ajudar a não ter pontos negativos.

Coordenadora: A não ter pontos negativos?

Madu: A não ter pensamentos negativos.

Coordenadora: E como que são esses pensamentos?

Madu: É... achar que eu sou gorda, essas coisas, pelo fato de eu ser negra.

Coordenadora: Em que situação que eles costumam vir?

Madu: Quando eu estou perto de uma amiga minha e eu vejo, que tipo, ela é bonita e eu não me acho bonita.

Coordenadora: E que que é uma pessoa bonita para você?

Madu: É uma pessoa magra. Eu não sei explicar.

Coordenadora: Se você quiser descrever ou falar o nome de uma pessoa...

Madu: Eu não falo só pelo meu cabelo ser cacheado, mas eu falo de atriz, tipo, a Thais Araújo, tipo ela, eu acho ela muito bonita, pelo fato do cabelo dela ser cacheado, a pele dela, eu acho ela muito linda também.

Coordenadora: E ela é negra, né, a Thais Araújo?!

Madu: Aham.

Coordenadora: Ela tem o cabelo bem mais cacheado que o seu.

Madu: Aham, eu acho lindo.

Coordenadora: E como que é para você olhar para ela e pensar essas características dela?

Madu: Não sei, é normal.

Coordenadora: É normal? Você trouxe que tem algumas questões que para você são complicadas, né, de as vezes você se olhar no espelho e falar: “eu sou gorda, eu sou negra, tenho cabelo cacheado”, e aí você trouxe o exemplo de uma mulher negra que é bonita.

Madu: Eu não acho feio o meu cabelo, eu acho feio eu ser gorda e, negra nem tanto, mas meu maior problema é de ser, um pouquinho, em vista das minhas amigas, como elas são mais magras, em vista delas, eu acho eu gorda.

A fala de Madu nos convoca a pensar sobre algo que foi apontado no início deste capítulo: as relações sobre si são constituídas a partir de outras relações. Ao responder a pergunta sobre como são os pensamentos sobre a forma como ela se vê, a jovem tece uma comparação em relação a suas amigas e, na medida, que suas amigas apresentam certo estereótipo e ela não, ela se percebe diferente do seu entorno social. Com isso, cria-se a imagem de não reconhecimento de si, como sensação de diferente, de quem não se enquadra. Esse olhar de não reconhecimento conferido por essas relações outras que ela vivencia e que está implícita em seu próprio corpo, a afeta e a constitui um sujeito que sofre, provocando sofrimento, diminuindo sua potência de existir.

Assim, a concepção que a jovem cria de si, por se perceber fora do enquadramento por suas condições físicas é de um não lugar, uma vez que existir sem se enquadrar é como existir sem ser vista. Porém, é necessário ressaltarmos um aspecto da fala de Madu, ao questionar a jovem sobre o que é uma pessoa bonita, ela resgata de sua memória uma atriz negra e de cabelo cacheado, o que nos convoca a compreender seu movimento em buscar por identificações próximas às suas características físicas, em uma tentativa de buscar meios para se reconhecer.

No que se refere a tendência dominantes, João também sabe bem como é ser afetado por isso. Ao longo dos encontros, nos relatou em diversos momentos que se percebia tímido e em consequência a isso, tinha dificuldade de socializar, fazer amizades e arrumar namorada. Em um dos encontros ele traz a seguinte fala:

João: É, verdade, agora só falta eu conseguir uma menina.

Coordenadora: Como assim conseguir uma menina?

João: Como uma namorada.

Coordenadora: Hm, e que que o namoro vai mudar na sua vida, João?

João: Vou me sentir melhor, muita gente namora.

Coordenadora: Muita gente namora?

João: É.

A condição social de ver e estar com outras pessoas que namoram, afetava João de modo que o fazia se sentir pior em relação aos outros, já que nunca havia namorado. Percebe-se que tanto a fala de João quanto a de Madu carregam vestígios de condição de diferentes, frente a condições sociais que são ocupadas por elas/es, como se precisassem corresponder ou atender às tendências dominantes. Em outras palavras, a condição de ser gorda, ter cabelos cacheados, ser negra e não ter um/a companheira/o as/os tornam menos enquadrados que outras/os.

No livro Quadros de guerra, Butler (2015) fala da metáfora da figura, a qual nos ajuda a compreender esse lugar do maior/menor reconhecimento. Segundo a autora “uma figura viva fora das normas da vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem de lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida” (p.22). Percebe-se, pois, que tanto a normatividade, quanto a tendência dominante (termos utilizados pelas autoras) transversalizam os discursos das/os jovens, provocando a diminuição do *conatus*, levando-as/os a reconhecerem-se como problema, como nos fala Madu, ou como produtores do próprio sofrimento, reduzindo questões sociais para o âmbito do individual, como se atender ou não a uma normativa fosse falta de esforço ou competência de um único sujeito, como bem enfatizado por João “*só falta eu conseguir uma garota*”.

Ainda dentro dessa temática, Carol nos relatou que se encontrava em um ano difícil e se percebia ansiosa, pois prestaria provas de processos seletivos para o possível ingresso em algum curso de ensino superior. Nesse sentido, segundo a jovem, existia uma pressão, já que para ela era necessário atender às expectativas de seus pais, conforme podemos observar neste trecho:

Coordenadora: Que que vocês pensam sobre isso?

Ju: Meu pai é a mesma coisa, se eu não fizer uma faculdade eu não vou ser ninguém, que eu tenho que me sustentar porque eu não posso depender de outras pessoas. Eu acho que ele tá certo nisso, só que é muita pressão em cima da gente e as vezes a gente acha que se a gente não conseguir do jeito que eles querem, a gente vai tá decepcionando eles.

Coordenadora: Que que eu posso entender de vocês quando vocês estão falando pressão? Como que vocês percebem essa pressão?

Carol: Eu acho que eles me sustentaram a vida inteira né, pagaram, no meu caso pagaram escola, alimentação, de tudo, a vida inteira, o que eu precisava. Então eu tenho que retribuir de alguma forma e eu acho que o jeito que eles querem é passando e formando, eu vejo isso como pressão.

Coordenadora: Hmm, como se você tivesse que retribuir?

Carol: É, o que eles me deram.

Na fala de Carol, a jovem fala de pelo menos dois lugares determinados. A relação que construiu com seus pais, bem como sua história familiar convoca a jovem a pensar que a maneira de retribuir tudo que seus pais lhes deram seria ingressando em um curso de ensino superior. Em consonância, a jovem denuncia em seu relato que sente e percebe essa condição de filha como uma pressão, levando-a a responsabilizá-la pela sua trajetória estudantil, bem como profissional, produzindo o efeito da responsabilização individual, o que a afeta de maneira intensa, levando-a a nomear o ingresso em um curso superior como pressão.

Neste mesmo trecho Ju também nos convoca a pensar sobre a sua condição filha e a pressão que a afeta para não decepcionar seu pai, atribuindo este esforço unicamente a ela, visto que, para ela, a depender do que faz, afeta diretamente seu pai. Além disso, em outros momentos, a jovem dizia se perceber ansiosa e deixava em evidência sobre a maneira como se sentia em algumas relações, como neste trecho:

Ju: eu sou muito nervosa e muito ansiosa, as vezes eu tô bem aqui conversando com você e do nada eu começo a pensar em mil coisa e começo a ficar triste e aí eu não quero que ninguém fala comigo, eu quero ficar sozinha no meu quarto e não é porque eu quero ficar isolada é porque eu só quero ficar sozinha um tempo, aí vem alguém me perguntar se eu tô bem, aí vem meu pai falar que é porque eu conversei com alguém e as vezes não é, aí eu meio que fico nervosa, aí ele fica mais nervoso porque eu tô nervosa, aí eu fico doida, é isso.

Coordenadora: É, você sabe falar um pouquinho melhor sobre como você fica nervosa?

Ju: Olha...

Coordenadora: Se você quiser descrever, por exemplo, o dia que você lembrou que você ficou nervosa.

*Ju: Eu começo a pensar em mil e uma hipóteses, tipo assim, criar história, se eu tivesse como voltar atrás o **que eu faria diferente**. E aí quando eu vejo que não dá **pra eu voltar atrás** e fazer alguma coisa diferente, eu penso em mudar o agora, e quando eu vejo que eu também não dô conta de mudar o agora porque não depende só de mim eu fico nervosa por eu não conseguir isso. Aí eu coloco a mão na cabeça e começo a chorar aí quando eu vejo que não tá adiantando nada eu choro e eu tento acalmar e eu não consigo acalmar, eu começo a chorar mais porque eu não tô conseguindo acalmar, é uma coisa meio assim. Aí quando eu vejo **que o que depende de mim que depende só de mim** e eu não tô conseguindo fazer isso, eu explodo, falando assim né, aí eu sento de frente o espelho e começo a conversar comigo tentando explicar a situação pra mim, falando que tudo que aconteceu não dependia de mim e se dependesse eu sei que eu faria alguma coisa. Entende?*

As falas de Ju nos convocam a pensar sobre outra questão que marcaram as/os jovens ao longo da prática grupal, que vamos chamar aqui de autorresponsabilização. No processo de constituição do sujeito, através da mediação semiótica, concepções acerca do mundo são formuladas e os próprios sujeitos carregam marcas do que podem ser, pensar e existir, bem como do que não podem também. Nesse processo,

essas concepções podem aumentar ou diminuir a potência de existir dos sujeitos. O que podemos perceber com as falas de Ju é que essas marcas a afetam de maneira que a jovem se vê como única responsável sobre o que acontece em suas relações sociais, o que a levava a querer mudar o que aconteceu em seu passado, em seu presente e com o que poderia vir a acontecer, tornando esse processo mais sofrido, visto que a culpabilização a marca sobre suas experiências, assim como sobre seu modo de pensar e agir.

Outro aspecto que podemos perceber nas falas das/os jovens é em relação ao olhar indiferente do outro, eis que Duda traz o seguinte relato quando ela nos conta sobre o falecimento de uma amiga próxima:

*Duda: Eu me considero uma pessoa com depressão. Porque é que nem eu escrevi no caderno, eu acho, que eu tento levantar só que eu não consigo, eu quero fazer as coisas e não consigo. Eu não tenho... Eu não consigo ver cor nas coisas mais... Eu ando enjoando muito rápido de tudo, de pessoas, de roupa, sabe? Coisa que nunca aconteceu comigo. Enjoar da escola, de não querer ir pra escola, sabe? Me afetou muito porque ela era muito próxima da gente também. E depois que ela morreu, a gente.. Tem uma vez que a gente falou de **dar pras pessoas o que a gente quer receber**, de perguntar, e depois que ela faleceu eu fiz muito isso, **só que as pessoas não fazem comigo, eu faço com elas e elas não fazem comigo**. Então, isso me deixa bem, né, bem triste.*

A fala de Duda nos permite compreender sobre o lugar do não reconhecimento de si pelo outro, ou seja, a jovem enfatiza em sua fala que só ela faz pelos outros e os outros não fazem por ela, condição essa que a faz pensar e sentir como invisível na relação com esses outros. Essa condição, como ela aponta, a deixa “bem triste”, de modo que diminui sua potência de existir, fazendo com que ela se reconheça como uma pessoa depressiva, sem forças para sair da cama.

Seu pensar e seu sentir sobre o olhar do outro, enquanto um olhar indiferente, provoca em Duda uma sensação de invisibilidade, retirando sua possibilidade para agir frente ao que lhe afeta, uma vez que a maneira como ela é afetada por esses outros não a faz com que seja reconhecida. Assim como Madu, esse lugar ocupado por Duda também a constitui como um sujeito que sofre.

Por meio desses recortes podemos perceber como os modos de ser, pensar e agir das/os jovens são marcados pelas esferas sociais em que estão imersas/os, assim como o período histórico, constituintes do processo de subjetivação. Dessa maneira, determinados modos de se relacionar e pensar sobre o mundo são criados, os quais afetam os sujeitos, favorecendo o aumento ou diminuição da potência de existir.

Assim, quando o encontro com o outro é marcado por experiências que diminuem a potência de existir, a força do sujeito para perseverar na existência também diminui. Logo, para que o sujeito saia dessa condição reativa, é necessário que encontre múltiplas perspectivas para experienciar o vivido, de modo que ela/ele conheça o que a/o afete de maneira que aumente sua potência de existir. Para isso, é preciso que condições outras sejam propiciadas para esses sujeitos, que os

encontros com os outros garanta possibilidades de ser em que o sujeito responda criativamente à sua realidade, criando uma outra realidade.

Dessa maneira, entendemos que o encontro com a alteridade se configura como o encontro possibilitador da ética.

O ENCONTRO COM A ALTERIDADE ENQUANTO ENCONTRO ÉTICO

Nos inspiramos nas ideias de Espinosa para pensarmos o encontro com a alteridade na condição de possibilidade ética. Encontro este em que o sujeito tenha espaço para se expressar em sua singularidade e unicidade, instaurando uma nova relação com a alteridade. Segundo o filósofo, quanto mais o sujeito conhece as relações que o compõe, mais ele pode pensar e agir por si mesmo. Portanto, Chauí (1995), nos convoca a pensar que é através do conhecimento dos desejos que o sujeito pode agir para fortalecer o *conatus*, segundo a autora:

Um desejo só se encontra em nossa alma ao mesmo tempo que a ideia da coisa desejada. Na paixão, a coisa desejada surge na imagem de um fim externo; na ação como ideia posta internamente por nosso próprio ato de desejar e, portanto, como algo de que nos reconhecemos como causa, interpretando o que se passa em nós e adquirindo a ideia adequada de nós mesmos e do desejado. E é no próprio desejo que esse desenvolvimento intelectual acontece. (p.69)

Partindo dessas redescritões, entendemos que no processo de constituição, os sujeitos veem, sentem, pensam, compreendem, ou seja, afetam e são afetados: imagens são produzidas sobre o que provocam e estão sendo provocados, como um sentimento, pensamento, palavra, fala etc. Assim, o fortalecimento do *conatus* só acontece na medida em que produzimos imagens adequadas sobre nossos desejos, através da busca de agir sobre nossos afetos. Nesse sentido, a autora complementa:

A ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu corpo, destruindo as causas externas imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos. A possibilidade da ação reflexiva da alma encontra-se, portanto, na estrutura da própria afetividade: é o desejo de alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e à ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles (p.71).

Desse modo, entendemos que o afeto se configura como um chamamento, a depender dele, o sujeito, as/os jovens integrantes desta prática grupal, possuem condições e possibilidades para agirem de modo que imagens outras sejam produzidas, afetações outras sejam possibilitadas, é entender a ética como (re) apropriação na/da relação consigo mesmo. Visando compreender essa questão, tomemos este trecho em que Lu nos contou em um de nossos encontros sobre como superou as experiências que lhe provocavam sofrimento:

Lu: Porque antes eu me sentia muito, não sei explicar, eu me sentia presa, muita coisa contribuiu para que eu me sentisse dentro como se estivesse presa, como se estivesse dentro de um casulo e não conseguia me abrir com ninguém.

Coordenadora: Que tipo de situação, por exemplo, que te deixava presa dentro de um casulo?

Lu: amizade, família e também, eu sou tímida e aí, lá fora, na rua mesmo, eu não conseguia nem olhar pra cara de ninguém. Eu ficava olhando na rua assim (olhando para baixo), ó, meu prédio. E saía andando, normal. Aí você pensa, você se acalma consigo mesma, conversa consigo mesma, mas você não consegue se expressar com outra pessoa, você se sente presa. Questão tipo...

Madu: Você não consegue nem se abrir com sua mãe, família ou com irmão?

Lu: Com ninguém.

Coordenadora: E como que é lidar com isso?

Lu: É ruim, é muito ruim. Você se sente, você sente angústia e parece que todos os problemas que você tem, só piora.

Coordenadora: como assim?

Madu: É, verdade.

Lu: Você não acha uma solução, você só acha mais problemas, só piora e também, uma vez eu tive ansiedade, aí piorava muito mais, ou timidez também, só que aí eu fui melhorando.

Coordenadora: E como que você fez pra isso ir melhorando?

Lu: Na verdade eu tenho uma nova amizade, tipo, ela é muito boa. Novas amizades. São meus amigos, a gente é todo mundo aberto um com o outro, a gente tem vários projetos, a gente faz um monte de coisas juntos e aí com eles eu consegui me abrir. Só que na verdade eu me abro mais com eles do que sem eles.

Coordenadora: É como se seus amigos antigos te pressionassem e esses novos abrissem essas pedras aí? Te proporcionassem outros tipos de conversas, de bem-estar, é isso?

Lu: Aham.

Ao responder a pergunta, em sua fala, Lu nos conta sobre o que a fez melhorar: as novas amizades. Como a própria jovem descreve, as/os novas/os amigos são “*abertos um com outro*”, “*fazem um monte de coisas juntos*”. Uma vez que a jovem encontra por relações que permitam que ela possa expressar em sua singularidade, bem como se reconhecer, as novas amizades a torna semelhante a qualquer outra/o, afetando-a de modo que ela possa perseverar em sua existência, aumentando sua potência de existir, fazendo com que ela se sinta bem.

Assim, ao agirem em prol dos seus desejos e tomando conhecimento do que fazem e sentem, são conferidos aos jovens a alegria, um lugar de acolhimento; e mesmo que os processos de experimentação sejam diferentes, a singularidade dos sujeitos são acolhidas nas relações eu-outro(s), ganhando visibilidade. Dessa

maneira, na medida em que os sujeitos identificam, elas/eles descobrem que podem existir e agir em comum, aumentando mais ainda a força de existir, possibilitando aos sujeitos modos outros para ser, pensar e agir.

Experiências como a de Lu tornam o campo do vivido mais possível frente a complexidade que é o viver, entretanto, não queremos aqui dizer que existe um modo de relacionar que não provoque sofrimento, mas sim que existe modos mais potentes do que outros de relacionar, constituintes do processo de subjetivação. Sendo assim, na medida que conhecemos o que aumenta nossa potência de existir, maior nossa possibilidade de escolha, maior nosso poder, bem como, nossa ação.

Cabe ressaltar que por estarmos inseridos em um sistema de produção capitalista, não podemos nos isentar das relações de poder e dos assujeitamentos relacionais. Entretanto, como vimos ao longo deste trabalho, podemos ser afetados de diversas maneiras e a depender do modo como somos afetados, nossa potência de existir pode aumentar ou diminuir, tornando nossas lutas cotidianas mais possíveis de serem enfrentadas. Nesse cenário, em um momento da prática grupal em que Ludy nos contou sobre a relação com sua mãe, apesar de Ludy ainda ter alguns conflitos com sua mãe, a jovem percebe que manter o diálogo com ela torna a relação entre elas melhor, conforme podemos acompanhar neste recorte:

Ludy: Assim, tá bem. Bem melhor.

Coordenadora: Hum, você pode desenvolver um pouquinho mais?

Ludy: Ai, a gente tá se dando bem, tá... É, tá se dando bem. Apesar que, depois de tudo que aconteceu, minha mãe fica bem receosa de todos os garotos, ela fica bem receosa mesmo. Mas, é... Eu contando as coisas, ela fica mais tranquila, mas mesmo assim ela fica bem receosa.

Coordenadora: Como que você percebe esse "receosa" dela, Lu.?

Ludy: Ela fala.

Coordenadora: Ela fala que fica receosa?

Ludy: Que, é, que tá receosa. Ela fala que tem medo. Ela mesmo fala.

Coordenadora: Medo de quê?

Ludy: Medo deles mexerem também. Entendeu? Deles... Os outros terem contatos...

Como aponta Vigotski (2009), até mesmo no processo de criação há também os sofrimentos e isso acontece pelo fato de que quando transmitimos em palavras o que sentimos ou pensamos, desejamos contagiar o outro com o que nos afeta, e junto a isso, nos deparamos com a impossibilidade de passar para o outro o que nos marca, aspecto este que, segundo o autor, está fortemente expresso no processo criativo das juventudes.

Diante disso, enfrentar os marcadores sociais, romper com as estruturas dominantes e pensamentos hegemônicos é mesmo um desafio frente ao nosso momento histórico e nosso sistema de produção capitalista. Entretanto, é possível pensarmos em estratégias e mecanismos que nos ajude a encontrarmos por espaços e relações outras que tornem esse processo menos sofrido, encontrando possibilidades outras para agirmos, perseveramos na existência, aumentando nossa potência de existir, bem como nosso poder de ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre o processo de subjetivação dos sujeitos participantes da prática grupal é complexo, assim como falar sobre qualquer processo de constituição do sujeito, uma vez que nosso processo de constituição é afetado pelos contextos sociais, pelas relações, pelo período histórico e pelas nossas necessidades e motivações. Vimos ao longo desse capítulo os inúmeros marcadores que atravessam o processo de subjetivação das/os jovens e a partir disso, como eles se viam, sentiam ou se percebiam em detrimento desses atravessamentos.

O rompimento com a normatividade e com as tendências dominantes envolve um árduo trabalho, ou talvez, até mesmo beira o impossível, visto como nossa cultura foi historicamente constituída. Entretanto, se faz urgente pensarmos em modos e meios de como superar marcadores que instauram relações de poder e subalternidade, buscando pela qualidade de vida dos sujeitos, aumentando suas possibilidades de ação frente ao campo do vivido.

Nesse sentido, podemos compreender que a constituição do sujeito jovem se dá por um sujeito de afeto, tendo em vista suas experiências; a depender da qualidade de seus afetos, amplia-se sua capacidade de ação e suas possibilidades de existência. Pensar a alteridade é pensar uma perspectiva ética, garantindo que formas outras de ser, pensar e agir possam emergir.

REFERÊNCIAS

Barros, J. P. P., Paula, L. R. C., Pascual, J. G., Colaço, V. F. R., & Ximenes, V. M. (2009). O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 174- 181. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a04.pdf>>.

Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Judith Butler; tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 288 p.: El.; 21 cm.

Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna.

Goés, M. C. R. (1995). A construção de conhecimentos: examinando o papel do outro nos processos de significação. *Temas em Psicologia*, 2, p.23-29.

Pino, A. (1995). Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. *Temas psicol.* 3(2). Ribeirão Preto.

Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva cultural de Lev. S. Vygotski*. São Paulo: editora Cortez.

Sawaia, B. B. & Silva, D. N. H. (2019). A subjetividade revolucionária: questões psicossociais em contexto de desigualdade social. *Psicologia sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis*. [Ebook]/ organizadores, Gisele Toassa, Tatiana Machiavelli, Carmo Souza, Divino de Jesus da Silva Rodrigues. - Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Revista Psykhe*, 1(8), 19-25.

Smolka, A. L. B. (2004). Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (Vol. 1, pp. 35-49). Porto Alegre: Artes Médicas.

Vygotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática Editora.

Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 9(1), p. 127-135.

Zanella, A. V. (2005). Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia e Sociedade*, 17(2),99-104.

Zanella, A. V. (2006). “Pode ser flor se flor parece a quem o diga”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: S. Z. Da Ros; K. Maheirie; A. V. Zanella. *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em)experiência*. (pp. 33-47). Florianópolis.

SOBRE A ORGANIZADORA

ELIANE REGINA PEREIRA - Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Itajaí (1995), com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007, 2011). Atualmente é docente da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Psicologia, integrante do Núcleo de Psicologia Social e da Saúde e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha Processos Psicossociais em Educação e Saúde. Líder do grupo de pesquisa Psicologia, Políticas Públicas e Relações Estéticas (CNPQ). Integra o GT da ANPEPP - A psicologia sócia histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social (2017 atual). Atua na área da Psicologia da Saúde, com ênfase em Psicologia Social e nos Processos de Criação em contextos de saúde. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0023990232502452>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 15, 16, 17, 18

Abuso de drogas 152, 153

Ansiedade 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 41, 77, 81, 84, 131, 134, 161, 162, 163, 186, 188, 190, 201, 205, 225, 273, 274, 301, 323, 385, 393, 401, 402, 417, 421, 440, 442, 448

Atenção básica em saúde 127, 132, 140, 141

Atenção psicológica 127, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141

B

Bem-estar 11, 71, 78, 79, 143, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 163, 168, 178, 186, 187, 192, 198, 223, 226, 227, 322, 346, 362, 368, 386, 400, 423, 424, 425, 453

Blog 26, 29, 30, 31, 40, 41, 42

C

Comportamento 18, 19, 45, 47, 48, 52, 53, 54, 60, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 74, 143, 149, 150, 153, 158, 165, 172, 177, 202, 207, 210, 211, 225, 226, 233, 234, 252, 255, 268, 281, 292, 295, 301, 302, 307, 308, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 336, 342, 343, 346, 351, 356, 358, 359, 360, 361, 362, 365, 366, 367, 374, 375, 383, 385, 386, 387, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 404, 411, 412, 416, 417, 433, 440, 448, 452, 454, 455, 457, 459

Cuidados com o cuidador 127

Cuidados paliativos 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 190

D

Dependência química 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 200, 356

Depressão 9, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 54, 65, 74, 77, 81, 84, 129, 138, 147, 149, 150, 162, 163, 186, 188, 190, 194, 211, 217, 225, 279, 337, 385, 386, 393, 417, 419, 421, 440

Desenvolvimento infantil 45, 47, 52, 61, 66, 70, 71, 72, 433, 436, 437

Direitos da criança 99, 100, 106, 112

E

Epidemiologia 191, 207

Espiritualidade 28, 36, 108, 177, 190, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 377, 405, 406, 409, 410, 413, 414

Estresse 77, 78, 79, 129, 131, 134, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 190, 211, 223, 268, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 393, 421, 439, 440, 441, 442, 443

Extensão universitária 15, 16, 17

F

Família 11, 39, 40, 46, 54, 55, 57, 60, 61, 64, 67, 68, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 89, 90, 92, 95, 98, 99, 105, 107, 108, 109, 111, 128, 129, 130, 134, 137, 138, 140, 141,

142, 144, 147, 148, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 185, 186, 188, 198, 220, 221, 227, 253, 267, 273, 275, 278, 279, 280, 282, 306, 311, 314, 323, 324, 325, 331, 332, 333, 336, 414, 419, 429, 443, 445, 447, 448, 450
Fatores de risco 45, 49, 50, 52, 57, 58, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 82, 84, 105, 111, 152, 153, 154, 161, 177, 189, 207, 210, 217, 219, 221, 349

G

Gestação 26, 27, 28, 29, 37, 45, 46, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 69, 70, 73, 74, 77
Gravidez assistida 45, 46

I

Idoso 93, 95, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 217, 431
Intervenções psicossociais 86, 87, 89

L

Luto 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 76, 79, 83, 138, 185, 193, 336, 401, 427, 428, 429, 431, 445, 448, 450

M

Mal-estar 131, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 223, 275, 343
Maternidade 26, 30, 35, 44, 57, 81, 83, 322, 449
Morte 27, 28, 29, 33, 36, 42, 43, 44, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 138, 177, 181, 182, 198, 204, 208, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 250, 252, 254, 279, 340, 351, 353, 407, 410, 417, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 442, 448, 450
Multidisciplinar 35, 42, 76, 79, 102, 110, 127, 131, 140, 165, 171, 187, 296, 298

P

Parto 26, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 45, 46, 47, 48, 55, 58, 59, 60, 61, 73, 82, 84
Perda gestacional 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 43, 44
Perda neonatal 26
Personality disorders 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126
Políticas públicas 86, 87, 88, 90, 91, 94, 95, 97, 100, 101, 110, 112, 131, 138, 141, 163, 260, 261, 268, 278, 280, 314, 380, 458, 459, 463, 464
Prevenção 42, 76, 91, 99, 109, 110, 112, 131, 171, 178, 207, 208, 210, 211, 212, 228, 301, 305, 307, 312, 341, 345, 348, 352, 353, 366, 416, 420, 450
Primary health care 111, 112, 114, 117, 121, 127, 128
Promoção da saúde 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 134, 171
Psicanálise 112, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 219, 229, 241, 259, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 384, 386, 404, 405, 406, 432, 434, 437, 438
Psicologia positiva 143, 144, 146, 147, 149, 150, 151, 395

Q

Quality of life 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 191, 349, 356, 423

R

Recém-nascido 48, 50, 59, 60, 73, 75, 78, 80, 81, 84, 85, 233, 457

Relações familiares 109, 165, 170, 171, 174, 175

Religiosidade 108, 177, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 228

Revisão de literatura 80, 82, 99, 273, 348, 422, 423, 424

S

Sofrimento psíquico 185, 186, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 276

Suicídio 207, 208, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 410, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 428

U

Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) 75, 80

Universitários 152, 153, 154, 155, 159, 160, 162, 163, 192, 372, 419

V

Violência na família 99

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-736-9



9 788572 477369